



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

ERGOFORMAÇÕES COM TRABALHADORAS E TRABALHADORES CAMPONESES DE UMA FEIRA AGROECOLÓGICA: DIÁLOGOS SOBRE TRABALHO, SAÚDE E GÊNERO

José Humberto da Cunha Filho
Alice Ferraz Maia
Carlos Eduardo Costa e Silva
Caroline Moura Andrade
Brenda Cibelle Martins da Silva

INTRODUÇÃO

O presente resumo versa sobre uma experiência de extensão na área da Psicologia do Trabalho, vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA), pertencente ao departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O projeto teve por objetivo a realização de ergoformações voltadas à saúde, trabalho e garantia de direitos sociais, com base nos princípios da Ergologia, Educação Popular e Psicologia Social do Trabalho. O público-alvo foram trabalhadores e trabalhadoras da Associação de Agricultores e Agricultoras da Várzea Paraibana (Ecovárzea), empreendimento solidário que desenvolve atividades de agricultura e comercialização de produtos agroecológicos. A associação está sediada no Assentamento Padre Gino, no município de Sapé-PB, e mantém um de seus pontos de comercialização na UFPB.

Pautado nisso, vale salientar que grande parte desses trabalhadores residem em assentamentos da Várzea Paraibana. Dessa forma, compreende-se que tais espaços se constituem como locais de reprodução da vida, e, simultaneamente, de edificação de relações familiares, amizades, companheirismo e afetos. Ou seja, tornam-se o lugar de construção e reconstrução da subjetividade e da identidade dos sujeitos assentados(as) (VASQUEZ, 2009).

Concomitantemente, não são espaços isentos da produção e reprodução de violências de gênero. Para Vigotski (2017), a vivência decorre do estabelecimento de uma relação entre a

subjetividade e o meio, o qual se estrutura a partir de contextos culturais, históricos, políticos e econômicos diversos. Dessa forma, o desenvolvimento da identidade dos sujeitos é constituído pelas experiências proporcionadas pela realidade em que se inserem (VIGOTSKI, 2017). Nesse contexto, a família patriarcal e a divisão de papéis de gênero desiguais, em que o homem tem o poder de decidir a vida e o dinheiro de todos os familiares, ainda são aceitas sem grandes questionamentos pelas famílias de trabalhadores rurais, sendo, muitas vezes, reproduzidas pelas próprias mulheres (VASQUEZ, 2009).

Além disso, de acordo com LEITE et al. (2017), as mulheres são mais acometidas a situações de adoecimento que os homens em decorrência de inúmeros fatores, tais como: cuidado com os filhos, elevada carga laboral, baixa gratificação e falta de visibilidade na realização do trabalho doméstico. Conforme Hirata e Kergoat (2007), uma grande quantidade de trabalho é realizada pelas mulheres de forma gratuita em benefício de outros, sendo reduzido a uma simples ajuda e justificado pela natureza, amor e responsabilidades maternas.

Compreende-se que a marcante divisão sexual do trabalho na área rural impõe às mulheres a naturalização da responsabilidade pelo trabalho doméstico e realização de inúmeras tarefas que produzem renda, agrícola e não agrícola, sem a menor visibilidade e reconhecimento de sua contribuição e relevância (VASQUEZ, 2009). Assim, entendemos que a questão de gênero, que articula-se como construção histórica e social determinante dos papéis, identidades e relações que cada um deve assumir dentro da sociedade, também se faz presente no campo, submetendo mulheres camponesas a uma invisibilidade ainda mais acentuada, quando comparadas às da área urbana (VASQUEZ, 2009).

Tendo isso em vista, o grupo de extensionistas fez visitas a campo, participando da Feira Agroecológica na UFPB com o intuito de realizar observações-participante, assessoramento nas atividades laborais e construção de espaços de escuta. A partir desse trabalho, foi possível identificar as demandas das(os) trabalhadoras(es), as quais foram elaboradas a partir da proposta de realização de “Barracas Temáticas”, em conjunto com profissionais de referência.

Entre as demandas compreendidas pelo grupo, observou-se a emergência de temáticas relacionadas à saúde da mulher, combate ao machismo e à violência contra a mulher. Dessa forma, foi estruturada uma barraca com o tema “a Saúde da Mulher e os tipos de violência sofridas por mulheres”, que contou com a presença de profissionais do Centro de Referência da Mulher e do Instituto Cândida Vargas.

Trinquet (2010) propõe o uso do Dispositivo Dinâmico de Três Polos da Ergologia para facilitar a troca entre os saberes constituídos (conhecimento científico) e os saberes investidos

(conhecimento popular), formando um terceiro polo traduzido pela relação ética-epistemológica dialética. Nesse ínterim, a articulação com a psicologia social do trabalho, baseada no método ergológico, ocupa o papel de elemento mediador entre essas instâncias (Trinquet, 2010). Com isso, a barraca temática criou um espaço propício para o apoio no coletivo de mulheres e para que elas dividissem suas experiências umas com as outras, além de ser um ambiente facilitador do debate sobre os direitos das mulheres com os homens da associação.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA

Dessa forma, assumindo o posicionamento de compreender para transformar, a partir de demandas resgatadas pelas próprias trabalhadoras, organizou-se uma ergoformação sobre “a Saúde da Mulher e os tipos de violência sofridas por mulheres”, utilizando-se da temática do Outubro Rosa para trazer à luz questões referentes ao tratamento e prevenção do câncer de mama, além de abrir uma roda de conversa sobre violência contra as mulheres. O momento contou com a presença de trabalhadoras do Instituto Cândida Vargas (ICV), maternidade e serviço de referência em João Pessoa e região no acolhimento de pessoas em situação de violência, e profissionais do Centro de Referência da Mulher. O diálogo entre as trabalhadoras proporcionou ali no ambiente da feira, um espaço seguro para que as mulheres pudessem compartilhar relatos e experiências pessoais, tendo o coletivo como um promotor de acolhimento, apoio e escuta.

Ademais, também foram expostos *folders* e *banners* acerca das temáticas abordadas e houve a construção conjunta de um cartaz respondendo a uma pergunta norteadora, dessa vez dividida entre homens e mulheres. A primeira pergunta disparadora, respondida pelas mulheres foi “*O que te faz se sentir insegura como mulher? E o que te faz sentir segura?*”, enquanto a segunda, respondida pelos homens, foi “*O que posso fazer para tornar o mundo mais seguro para as mulheres?*”.

REFLETINDO COM A EXPERIÊNCIA: POTENCIALIDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS

A partir disso, foi possível observar que o espaço criado dentro da feira propiciou às trabalhadoras e trabalhadores a oportunidade de se apropriar de suas experiências e competências de uma nova maneira, a partir de uma construção dialógica entre os participantes do momento. As respostas sobre as perguntas também trazem à reflexão sobre o quanto é

necessário o debate sobre as questões de gênero nos espaços de trabalho. As mulheres, quando questionadas, relataram sobre o desrespeito, violência e falta de informação como fatores que as fazem se sentir inseguras e o respeito, apoio da família e dos amigos e a informação como fatores que as fazem sentir seguras.

Os elementos apresentados nas respostas das participantes vão de acordo com Mattos (2015) que apontam as violências e a discriminação de gênero como provenientes da desigualdade social vivenciada pelas mulheres. Já para os homens, quando questionados sobre como podem tornar o mundo mais seguro para as mulheres, trouxeram em suas respostas o respeito, amor no relacionamento, mudança nas leis, denúncia de casos de violência e informação como componentes que podem promover uma sociedade mais segura.

Inicialmente, imaginou-se, por parte dos extensionistas, que os homens não fossem interagir nas discussões idealizadas. No entanto, o que se observou foi uma participação ativa destes na roda de debate, permeada por grande interesse nas informações partilhadas pelas profissionais do Centro de Referência da Mulher e do Instituto Cândida Vargas. Tal fato não foi um problema em relação ao conforto e à participação das mulheres, que também compareceram ativamente nas discussões, compartilhando experiências, opiniões e orientações acerca da saúde e combate à violência contra a mulher.

Por meio desse espaço, foi possível compreender como o diálogo só acontece se houver a escuta, pois por meio dela é que se possibilita o redimensionamento das demandas manifestas e latentes (SUPRANI, 2022). Dessa forma, entende-se que a experiência formada a partir da barraca e as reflexões disparadas com a temática da violência contra a mulher possibilitaram o reconhecimento e a tomada de consciência para todos aqueles que participavam, tanto homens quanto mulheres. Em relação aos homens, o debate propiciou a reflexão sobre seus papéis na sociedade, assim como formas práticas de se evitar, e combater, a violência contra a mulher nos espaços em que estão inseridos. Já em relação às mulheres, foi possível a reflexão sobre as situações de violência e os dispositivos que poderiam ser acessados caso necessário.

CONSIDERAÇÕES

Os momentos de diálogo favoreceram a legitimação do valor do encontro de saberes entre universidade e campo, conferindo a cada um a devida importância, visto que o conhecimento compartilhado por universitários e trabalhadores rurais trouxe contribuições significativas para os envolvidos no projeto.

Assim, tanto o coletivo de trabalhadores pôde se beneficiar com um novo espaço de reflexão e discussão para as questões da violência de gênero e da saúde da mulher, que antes não estavam disponíveis em um espaço de diálogo e escuta, como também os estudantes que tiveram a oportunidade de, ao coletar as demandas do dia a dia de trabalho, preparar um momento com ferramentas propícias para a reflexão.

Por fim, o impacto da ação sobre o grupo de estudantes que fez parte do projeto foi de suma importância, contribuindo para a formação enquanto profissionais da Psicologia, não só a nível de embasamento teórico ou aplicação de técnicas, como também proporcionando um maior desenvolvimento de criticidade e compromisso ético-político.

REFERÊNCIAS

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

MATTOS, A. I. S. Desigualdades de gênero: uma revisão narrativa. **Saúde.Com**, v.11, n. 3, p. 266–279, 2015. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/rsc/article/view/372>

SUPRANI, B. 19 de setembro de 1921, nascimento de Paulo Freire. Paulo Freire e o Campo “da Atividade”: apontamentos para uma dialogia amorosa (ou para um diálogo em curso). **Laboreal**, v. 18, n. 2, 2022.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 38, p. 93-113, 2010.

VASQUEZ, G. C. F.. A Psicologia na área rural: os assentamentos da reforma agrária e as mulheres assentadas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, p. 856-867, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia**. Tradução de Zoia Prestes, Elizabeth Tunes e Cláudia da Costa Guimarães Santana. Organização de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-papers, 2017